

# Crônica de um mujimbo – fazendo das fraquezas forças

Tereza Salgado\*

## Resumo

A bordagem da obra *Crônica de um mujimbo*, de Manuel Rui, a partir da relação que se pode estabelecer entre o *mujimbo*,<sup>1</sup> o texto e a sociedade angolana. A obra é vista como a crônica dos entraves que cerceiam a narrativa, a sociedade e a comunicação angolanas. Ressalta-se o aspecto caricato do comportamento dos personagens, seus equívocos e erros, como também os absurdos e contradições que os envolvem. As falhas e disparates que atingem a todos na narrativa não são apenas apontados, mas tornam-se também palavras-chave para a compreensão do texto, tomando conta de todas as situações e levando-nos a questionar nossos valores, padrões e comportamentos. Ainda que o riso pareça apenas denunciar os comportamentos, ele vai muito além do clássico papel corrosivo que normalmente lhe é atribuído, pois se constrói como estratégia problematizadora da estrutura da própria narração, da sociedade e da comunicação como um todo. Ressalte-se que o quadro da crônica refere-se à situação angolana, mas pode ser estendido a qualquer lugar do planeta.

Palavras-chave: Estrutura da narração e da sociedade; Mujimbo; Aspectos caricaturais.

Foi a obra de Manuel Rui que me levou às literaturas africanas. O meu primeiro contato com elas foi em 92, quando recebi uma sacola de livros de uma pessoa desavisada que buscava mais espaço na estante. Entre todas as obras angolanas, moçambicanas e cabo-verdianas que faziam parte daquela sacola, **Regresso adiado** (1978), do escritor angolano, foi a que mais me chamou a atenção. O livro não é um dos mais discutidos do autor, mas considero-o fundamental na ficção angolana, uma obra-prima das literaturas de língua portuguesa e da literatura de um modo geral.

---

\* Universidade Estácio de Sá – RJ.

<sup>1</sup> Mujimbo: palavra angolana para notícias; também possui o significado de boato.

Esse livro de contos foi decisivo para a minha opção pelas africanas, porque me despertou para um sentido inesperado do cômico e porque apresentava uma forma absolutamente problematizadora de focar vivências relacionadas ao racismo, à alienação e ao choque cultural.

Embora discuta tais questões a partir da colonização portuguesa em Angola, **Regresso adiado** fala de experiências comuns a nós brasileiros e a milhões de africanos e afrodescendentes espalhados pelo mundo.

O que singulariza essa obra não é apenas a dramatização da desculturação e da exclusão do negro, mas o seu inesperado, profundo e estranho senso de humor. Parafraçando M. Ferreira (1978), no prefácio da obra, o humor de Manuel Rui introduz o leitor numa grande e dolorosa comédia da qual ele participa mais sofrendo do que rindo.

“Mulato de sangue azul”, conto que abre o livro, tornou-se a base para o início de minhas reflexões sobre o riso. Juntamente com mais um texto do próprio M. Rui, **Quem me dera ser onda**, **Mestre Tamoda**, de U. Xitu e **O cão e os caluandas**, de Petela, montei a estrutura de minha pesquisa<sup>2</sup> sobre a presença do cômico na literatura angolana.

Manuel Rui é provavelmente um dos escritores que mais tem explorado os recursos do cômico, através de toda a sua produção ficcional: em **Quem me dera ser onda**, o cotidiano de uma família às voltas com a criação de um porco num apartamento é focado através da paródia e da sátira, revitalizadas pelo riso da cultura popular e da carnavalização; em **Regresso adiado**, o narrador acentua as ligações do humorismo com o trágico, levando-nos a questionar os comportamentos de cada personagem e a nós mesmos; em **Crônica de um mujimbo**, a presença do cômico surge renovada por recursos que parecem explorar o riso da comédia de costumes.

A presença do cômico na ficção angolana é tão significativa que me deu liberdade para observar diferentes períodos da ficção angolana (antes, logo após e bem depois da independência) em que o riso se relaciona com o poder, sem a preocupação de unificar essas manifestações.

Ao longo desses anos de leitura, passei a observar outros aspectos envolvidos no universo do cômico (no qual incluo o humor, a sátira, a ironia, a paródia, o grotesco), sem nenhuma intenção de sintetizar ou sistematizar nada, procurando deixar que os próprios textos sugerissem o caminho a ser tomado.

Isso não significa uma interpretação dissociada do contexto histórico. Pelo contrário, a minha pesquisa postula uma crítica literária que leve em conta o texto no seu entorno e no mundo a partir das proposições teóricas de Antonio Candido, Edward

---

<sup>2</sup> Essa pesquisa veio a se transformar em minha tese de doutorado, defendida em 1997, na PUC Rio.

Said, Todorov, Appiah e tantos outros que, por caminhos diversos, demonstram um interesse especial pela polêmica relação entre literatura e sociedade.

Em seu trabalho sobre **Crônica de um mujimbo**, Maria Rosa Monteiro<sup>3</sup> relembra as palavras de Manuel Rui sobre o inevitável comprometimento do escritor, que não resultaria de nenhum voluntarismo, mas simplesmente da impossibilidade de ser de outra forma. Diante do caótico quadro social, não lhe seria dado outro papel senão a inevitável inserção na vida, no contexto que o cerca e, portanto, na rota do realismo social.

Como não podia deixar de ser, a série de problemas que toma conta da sociedade se reflete também numa instituição literária incipiente, na qual a falta de contato com outros escritores e com novos processos literários é apenas mais um problema.

A partir das declarações de M. Rui, Maria Rosa constata que os entraves ao livre e natural realismo social conduziram a literatura angolana ao imaginário. Assim, para driblar as limitações impostas pelo contexto, o escritor angolano “faz das fraquezas forças”, dando ao imaginário uma dimensão cada vez mais importante. Essa reflexão se aplica à produção angolana em geral, mas talvez encontre na de Manuel Rui uma de suas maiores expressões, na medida em que esse autor demonstra uma aguda consciência dos problemas que o circundam, promovendo, em cada uma de suas obras, uma discussão sobre as questões mais contundentes da sociedade angolana, mas tomando a imaginação como uma de suas maiores aliadas. Nesse sentido, **Crônica de um mujimbo** dramatizaria um momento em que todas as instâncias de comunicação existentes na sociedade parecem entrar em crise, gerando novos impasses para o escritor. Diante desse quadro, Manuel Rui opta por questionar as formas e os rumos da comunicação no contexto angolano, terminando por nos levar ao contexto geral da comunicação em qualquer lugar do planeta.

Ora, “fazer das fraquezas uma força” é uma atitude contida na própria opção pela paródia, pela caricatura, pela sátira, pela ironia, pelo grotesco, enfim, por uma série de elementos que nos remetem à idéia do rir de si mesmo e do contexto socio-histórico. Além disso, ao recorrer a essas formas do universo cômico, os textos de Manuel Rui terminam por se abrir a diferentes comunidades interpretativas que poderão fazer outras e múltiplas leituras. Assim, ainda que a obra enfoque realidades específicas da sociedade angolana, que só podem ser captadas pelo leitor que as conhece, reserva um amplo espaço para qualquer leitor. Mesmo que este não seja capaz de perceber o contexto original, manterá, de algum modo, um vínculo com as questões que a obra pretende discutir.

---

<sup>3</sup> O trabalho de Maria Rosa Monteiro, divulgado pela Internet, não tem indicação de data. Ver o *site* nas referências bibliográficas.

Em **Crônica de um mujimbo**, esse vínculo se estabelece pelo modo exacerbado de expor as fraquezas ou a consciência das fraquezas que minam a estrutura social: as contradições e as armadilhas que quase paralisam a sociedade angolana são vistas sob vários ângulos. A obra expõe de tal forma essas fraquezas que pode ser lida também como uma ampla comédia de erros, um grande quiprocó.

A palavra “mujimbo”, de difícil tradução fora do âmbito africano, pode ser compreendida como uma notícia ou mensagem que vai passando de boca em boca, estabelecendo uma enorme rede de comunicação informal, mas extremamente eficaz. Numa sociedade como a angolana, desempenha um papel primordial.

Como o título indica, o enredo acompanha o surgimento e o ocaso de um mujimbo, mas remete à própria narrativa em questão, pois compartilha com ela a função vital de comunicar. O mujimbo, segundo o intelectual Adérito – uma das personagens da história – muitas vezes se confunde com a novidade não oficial ou com o boato, na medida em que pode (e é o que normalmente acontece) ir-se modificando ou deturpando, de acordo com as pessoas que o passam adiante. Nesse sentido, a crônica do mujimbo seria também a crônica das vicissitudes pelas quais passa a narrativa angolana.

Manuel Rui acrescenta aí mais um mosaico ao incrível painel da sociedade angolana que vem traçando em sua obra. Se o porco foi o elemento de conflito em **Quem me dera ser onda**, desta vez é o mujimbo que desnuda novas contradições sociais. Mais do que isso, o mujimbo mostra um beco sem saída no desenrolar dos problemas de personagens da pequena burguesia, a classe dominante angolana. Esses tipos sociais têm suas vidas alteradas e postas em evidência pelo aparecimento de um mujimbo, até o seu destino final, quando uma notícia – que veicula o conteúdo do mujimbo – é ouvida na rádio nacional.

A história começa com o protagonista Feijó, funcionário público que exerce um cargo de chefia, reunindo-se com os seus assessores, Lundano e Adérito, e confiando-lhes um segredo de Estado. A partir daí, a vida de todos eles, especialmente de Feijó, será norteadada pela guarda desse segredo. Mas o segredo não se justifica, pois o seu conteúdo já circula de boca em boca – na forma tradicional de mujimbo – e até mesmo nos jornais de Portugal: a mãe de Feijó o conhece e lhe pede que o confirme, seus amigos e sua mulher perguntam por ele e todas as crianças da família e da rua já sabem do mujimbo/segredo. Ainda assim, este deve permanecer “oculto”, ou melhor, quanto mais se torna conhecido, falado e comentado, mais Feijó insiste na sua proteção, criando-se, assim, uma situação estapafúrdia, na qual o mujimbo passa de veículo maior da comunicação, na tradição cultural angolana, a uma condição aparentemente inversa: torna-se um segredo de Estado, silenciado e amordaçado, mas, ao mesmo tempo, conhecido por todos.

Sem poder vir à tona, o mujimbo passa a ser designado como “aquilo”, carac-

terizando-se como interdito, contrariando a sua própria natureza, virando forma rígida, repetida e fechada, em vez de fluida, flexível e aberta. Ocupa, portanto, um lugar absolutamente original, numa espécie de limbo cultural: existe, mas não pode ser enunciado; não é segredo nem mujimbo.

O caráter cômico dessa interdição reside não apenas na rigidez e na inflexibilidade personificadas em Feijó, mas também no absurdo da situação. Mal as personagens começam a querer comentar o mujimbo, são interrompidas por Feijó e não podem fazê-lo, esvaziando o mujimbo, que só poderia existir a partir das trocas e dos comentários feitos naturalmente em sua transmissão, de sua função primordial.

Na verdade, o que perturba a vida dessas personagens não é propriamente o mujimbo, mas a impossibilidade de fazê-lo desempenhar o seu papel na sociedade angolana, na medida em que o seu curso é constantemente interrompido, em primeiro lugar pelo próprio Feijó e em segundo por seus subordinados, que devem seguir fielmente as suas ordens. Diga-se, aliás, inutilmente. Daí o grande paradoxo e uma das grandes proezas dessa narrativa, que constrói o cômico de forma ao mesmo tempo sutil e categórica, seja na caricatura do personagem Feijó, com seus tiques físicos e verbais, seja na configuração dos tipos que permeiam o universo da pequena burguesia angolana – o intelectual, o ex-guerrilheiro, a mãe dedicada, a mulher devotada –, seja nos sucessivos desastres, equívocos, mal-entendidos, tropeços e contratempos que se enfileiram para compor aquilo que Bergson denominou de cômico de situações, ligado à repetição dos acontecimentos e ao automatismo dos comportamentos.

Aqui as trapalhadas se repetem com ligeiras variações ao longo de toda a narrativa: a chuva que abre o texto associa-se à mudança, mas também é prenúncio de uma sucessão de problemas. O protagonista divaga logo no início da história: “Um mal nunca vem só”. Assim, seguem-se a falta de luz, que costuma ocorrer na cidade, irritando-o; o seu tropeço ao sair da repartição, deixando os papéis secretos oficiais caírem no chão sujo; o seu quase acidente de carro, quando volta para casa; enfim, uma série de incidentes que se somam, como que reforçando o quadro de entraves e percalços que dominam a sociedade, culminando com a doença do protagonista – síndrome situacional – que ninguém consegue diagnosticar.

O mal-estar do protagonista liga-se aparentemente à somatização dos problemas aparecidos ao longo da narrativa desde o surgimento do segredo que, como ele mesmo admite, teve que engolir. Mas também prende-se ao conflito que sua figura personifica: Feijó dramatiza o choque entre as velhas tradições e os novos costumes. É um funcionário honesto e cioso de seu cargo e de seu dever, zeloso dos ideais da revolução, mas não o suficiente para deixar de apresentar pequenas falhas. Não admite esquemas ou favores, mas obtém naturalmente cartões para a sua mãe e familiares. Critica a linguagem “deturpada das crianças”, mas usa verbos como “bocar”,

que até os próprios sobrinhos questionam se seria português. Em suma, como caricatura, tem traços fixos e ridículos, como o tique de coçar as partes íntimas, mas conjuga em si as contradições de uma personagem mais complexa.

Contradições e paradoxos são as palavras-chave na obra de Manuel Rui. O mujimbo, que deu origem a tantos conflitos e especulações, nunca será, aliás, revelado ao leitor. Nem no fim do texto tem-se acesso a seu conteúdo, o que não deixa de ser mais uma grande peça que o narrador nos prega, frustrando nossas expectativas, mas obrigando-nos a pensar um pouco mais sobre seus possíveis papéis. Essa estratégia se revela, assim, como um recurso problematizador da própria narrativa e de todo o problema da comunicação.

**Crônica do mujimbo** atualizaria, como metáfora, a situação de uma sociedade em estado de paralisia e incerteza? Semelhante à “síndrome situacional” que acomete Feijó, definida tautologicamente no texto como “síndrome de situação” (e não diagnosticada), a narrativa é atingida pela paralisia e pela incerteza. Mas, se por um lado se vê paralisada e sufocada como o mujimbo/segredo, também resiste como ele, na medida em que se mostra viva, a despeito de todas as vicissitudes, fazendo das fraquezas forças.

Sem pretender esgotar as inúmeras interpretações que se podem dar a essa obra, apenas procurei mostrar que **Crônica de um mujimbo**, ao convocar os recursos do cômico, torna ainda mais clara a idéia benjaminiana (BENJAMIN, 1986, p. 134) de que o riso é um dos melhores pontos de partida para a reflexão e, por que não dizer, com Manuel Rui, para a resistência também?

## Abstract

**A**nalysis of Manuel Rui's **A mujimbo's chronicle**, from the relation we can establish between the *mujimbo*,<sup>4</sup> the text and the angolan society. Rui's work is seen as the chronicle of the obstacles that restrain the narrative, the society and the angolan communication. We point out the caricatural aspects of the characters' behaviour – their misunderstandings and mistakes – as well as the absurd and contradiction that surrounds them. The flaws and nonsense that reach everybody throughout the narrative become key-words to the text comprehension, overcoming all the scenes and leading us to question our own values, patterns and behaviour. Although the laughing seems to denounce the characters' behaviour, it goes far beyond the classical critical role that it usually plays, because it reveals itself as a questioning strategy, not only of the narrative structure but also of society and communication as a whole. The setting of this text is related to angolan cosmos, but it can be extended to any place in the world.

Key words: Narrative and Angolan society; Mujimbo; Caricatural aspects.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RUI, Manuel. **Crônica de um mujimbo**. Luanda: UEA, 1989.
- RUI, Manuel. **Quem me dera ser onda**. Lisboa: Edições Cotovia, 1982. Luanda: UEA, 1984.
- RUI, Manuel. **Regresso adiado**. Luanda: UEA, 1978.
- PEPETELA. **O cão e os caluandas**. Lisboa: Dom Quixote, 1985.
- SALGADO, Maria Teresa. **A presença do cômico na ficção angolana contemporânea: a tarefa de conciliar o inconciliável**. 1997. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. (Tese de Doutorado – inédita).
- XITU, Uanhenga. **Mestre Tamoda e outros contos**. Lisboa: Edições 70, 1974.

---

<sup>4</sup> Mujimbo: angolan word for news; it also means rumor.